

# HISTÓRIA LOCAL: PESQUISA, ENSINO E NARRATIVA

Professor Luís Reznik (PUC-RIO/UERJ)<sup>13</sup>

## A afirmação da historiografia da nação

A historiografia brasileira está impregnada por narrativas que discursam sobre a nação, a pátria, a sociedade, o Estado brasileiro. Esta afirmação sublinha o lugar que o recorte temático “nacional” assumiu entre os historiadores brasileiros. Os grandes textos, os clássicos da historiografia, aqueles que tomaram lugar no panteão consagrado pelo pensamento político e social, lidos como referências obrigatórias nas nossas universidades, escritos pelos que se tornaram nossos mestres historiadores, remetem-nos, inequivocamente, à uma História do Brasil.

Essas referências nos levam de volta ao século XIX, momento de constituição do Estado brasileiro. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o atual Arquivo Nacional, ambos criados em 1838, encabeçaram, à época, o conjunto de forças institucionais no campo de produção de uma historiografia nacional. Os dois, em um esforço sistemático de recolhimento e catalogação de fontes documentais e de elaboração de narrativas sobre o Império, produziram memórias fundadoras da nacionalidade. Foram edificados sob os auspícios de um governo monárquico que, orientado pelo princípio da centralização e pelo temor da fragmentação territorial — vista como um dos males da América hispânica —, tornou-se um dos principais agentes interessados em apagar e soterrar memórias e referências de pertencimento marcadas por localismos e regionalismos (FIGUEIREDO, GONÇALVES e REZNIK, 2000). Nessa perspectiva surge a *História Geral do Brasil*, de Francisco Varnhagen, em 1854, e as suas “traduções escolares”, em especial aquelas escritas pelo romancista Joaquim Manuel de Macedo, em 1861 e 1863. (MATTOS, 2000)

No século XX, os esforços em tornar “brasileiros” todos os que viviam em “terras do Brasil” mobilizou tanto intelectuais como dirigentes estatais. A pesquisa empreendida pelos modernistas dos anos 20 em diante, visava a fazer aflorar os traços da nacionalidade brasileira, escondida sob os ideais cosmopolitas predominantes nas elites intelectuais do início do século. Nas palavras de Gilberto Freyre, em 1926, precisavam sentir o “grande Brasil” que crescia, em oposição aos que teimavam ver as coisas “através do *pince-nez* de bachequeiros afrancesados”.<sup>14</sup>

A nacionalização da escola, a partir da obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa e a sedimentação de conhecimentos de História e Geografia do Brasil; as grandiosas comemorações de festas cívicas nacionais, como o Dia da Bandeira, Dia da Raça, Dia do Trabalho; e a criação de agências nacionais de fomento às artes nacionais foram algumas das políticas culturais do Estado Novo (1937-1945). Este foi o único período da República brasileira a impor constitucionalmente o unitarismo político, negando a autonomia política-orçamentária-legislativa das localidades estaduais e municipais.

A democratização após a II Guerra Mundial levou à tematização nos meios políticos e intelectuais do caráter “subdesenvolvido” da economia e da sociedade brasileira. Os anos 50 ensejaram projetos nacional-desenvolvimentistas, que articulavam os meios para romper com o que se considerava o atraso econômico e cultural da nação. O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), criado em 1955 e sediado no Rio de Janeiro, reuniu parcela da intelectualidade que, imbuída de convicções acerca da urgência das transformações, *pari passu* ao Plano de Metas JK (“Cinquenta anos em cinco” – 1956-60), divulgava através de cursos, palestras e textos impressos, a “significação do nacionalismo”<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Doutor em Ciência Política (IUPERJ) e Mestre em História (UFF). Professor do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> Citado por Hermano Viana. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 1995, p. 27. Gilberto Freyre é o autor de uma das obras mais célebres para se “entender o Brasil”: *Casa Grande e Senzala*, de 1933.

Durante os governos autoritário-militares (1964-1985), os dirigentes impulsionaram políticas de integração nacional de largo espectro, desde a construção de estradas “integradoras” de várias regiões, até a criação de um aparato tecnológico que desse conta da nacionalização dos meios de comunicação, isto é, da difusão de valores e bens simbólicos. A Rede Globo de Televisão, que veio a se tornar, da década de 70 aos dias atuais, a principal rede de televisão do país, em caráter quase monopolista, cresceu na esteira dessas transformações, construindo, a partir do Rio de Janeiro, uma imagem de um Brasil moderno, urbano e nacional.

Sintonizada com as transformações mundiais do ofício do historiador – desde a constituição de novos objetos e métodos, passando pela ampliação dos domínios e territórios da historiografia até a discussão dos estatutos e das fronteiras da disciplina –, a historiografia brasileira contemporânea, posterior à implantação da Pós-graduação nos anos 70, reiterou o foco na Nação e/ou no Estado nacional. Algumas vezes, entretanto, ao anunciar a tematização do nacional, algumas obras focalizavam especificamente algumas regiões, tomando a parte pelo todo, isto é, supostamente a região que foi objeto de estudo deveria ser paradigmática das experiências ocorridas em todo o Brasil. Lembro, como exemplo, estudos sobre industrialização, movimento sindical e movimentos abolicionistas, onde historiadores narram processos ocorridos ora na cidade de São Paulo, ora na do Rio de Janeiro, considerando-os exemplares, focalizando-as não como uma determinada experiência, mas como a História do Brasil.

## **O gosto pela História, História local e identidade**

### *1. Os processos de identificação:*

As narrativas historiográficas que vimos até aqui configurando têm como suposto uma forte lealdade e sentimento de pertencimento da sociedade e dos indivíduos aí inseridos à entidade nacional. A idéia básica é que todos somos, em primeiro lugar, brasileiros. Como afirma Gellner, “um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas” (GELLNER, 1983, p. 6). A nação foi, durante os últimos duzentos anos, um elemento central em nossos sistemas de representação cultural. A idéia de ser brasileiro esteve arraigada (e ainda está) nas nossas percepções do mundo, acima de outros sistemas de representação cultural como, por exemplo, a religião, a cor ou o gênero. Nesses termos, a nação forja uma estrutura na qual os indivíduos sentem-se identificados, “costurados”. As identidades nacionais estabilizam “tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”. (HALL, 1998, p. 12)

Como já argumentaram, uma cultura nacional é um *discurso*, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Esses sentidos são construídos, em grande parte, pelas imagens e símbolos que são socializados, através de inúmeros mecanismos de produção e difusão, estatais ou não, através das mais variadas memórias e histórias; enfim, discursos, sobre o ser brasileiro, sua história, seus gostos, seus comportamentos. Nesse sentido, a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”, simbólica.<sup>16</sup>

Nos tempos em que vivemos, os processos de criação de pertencimento ultrapassam as margens do sujeito moderno, “previamente vivido como tendo uma identidade [nacional] unificada e estável”. Os nossos processos de identificação tendem a ser mais provisórios, variáveis e problemáticos, sejam eles relacionados a gêneros, etnias, cor, religião, vínculos profissionais. As identidades são múltiplas e de definição instável: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Alusão ao título do texto de Hermes Lima “O significado do nacionalismo”, publicado na revista *Cadernos de Nosso Tempo*, em 1955. Ver Simon Schwartzman(org.). *O pensamento nacionalista e os 'Cadernos do Nosso Tempo'*. Brasília: Ed. UnB, 1981; Caio Navarro Toledo. *ISEB: Fábrica de ideologias*. São Paulo: Ed. Ática, 1977; Vanilda Paiva. *Paulo Freire e o nacional desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

Transformamo-nos em sujeitos pós-modernos.

Nesses termos entendemos que o exercício da história local vincula-se a processos de identificação, relacionados a um determinado sistema cultural, que enfatiza as relações de vizinhança, contigüidade territorial, proximidade espacial.<sup>16</sup> Essa ética de pertencimento é mais um elemento constitutivo desse sujeito fragmentado, múltiplo e instável. A história local não deve ser projetada como um valor superior para a admiração e valorização da pequena pátria – no estilo “eu me ufano da minha terra” –, mas como a “costura” de um retalho dos processos de identificação do sujeito.

## 2. O exercício da escrita de histórias locais:

As narrativas históricas devem aguçar a curiosidade acerca da passagem do tempo, ao instigar a percepção da diversidade de situações, valores e comportamentos vivenciados pelos homens. O que se espera do estudo da história? Que cada um reflita sobre o lugar em que se encontra no mundo, formulando idéias sobre si e sobre os que estão ao seu redor. O exercício da memória – pensar e repensar o passado – deve possibilitar a reflexão sobre quem somos e queremos ser – nossas identidades.

A abordagem sob o recorte da história local é um campo privilegiado de investigação para os diversos níveis em que se traçam e constituem as relações de poder entre indivíduos, grupos e instituições. Campo privilegiado para a análise dos imbricados processos de sedimentação das identidades sociais, em particular dos sentimentos de pertencimento e dos vínculos afetivos que agregam homens, mulheres e crianças na partilha de valores comuns, no gosto de se sentir ligado a um grupo.

O encantamento pelo passado e pela passagem do tempo pode se dar de formas diversas, e a história local é uma delas. Ao se enfatizar temas e objetos, espaços, indivíduos e costumes que podem ser reconhecíveis entre alunos que pertencem a um determinado sistema cultural, baseado em relações de vizinhança, contigüidade territorial e proximidade espacial, espera-se despertar, criar e ampliar o gosto pelo estudo da História.

## Proposta metodológica: os materiais de memória

Propomos, a seguir, uma metodologia para a pesquisa e o ensino da história local que explore os vestígios do passado, os materiais de memória como chaves de criação para múltiplas histórias da localidade.

**1) Cartografia:** a leitura de mapas. Visa à compreensão da produção cartográfica como uma expressão do esforço humano em conhecer, ocupar, controlar e transformar o espaço geográfico. Os mapas são trabalhados como uma representação do espaço que é permeada por valores culturais e sociais de seus autores e não como uma reprodução real do espaço.

**2) Fotografia:** pretende-se estimular a imaginação e a reflexão através do encontro entre a fotografia e a História, por meio de um passeio pelos tempos e lugares da cidade. Épocas distintas são aqui retratadas. Registram tempos idos que se modificaram pela ação de homens e mulheres. As fotografias ilustram o que a sociedade local quis perenizar de si mesma, edificando imagens que nos abrem veredas de um passado atualizado pelas percepções do tempo presente.

**3) Construções arquitetônicas:** podem ser compreendidas como janelas para modos de vida. Igrejas, prédios públicos – Prefeitura e Câmara Municipal – sede de fazendas, dentre outras construções, são registros de cultura material. Logo, o estudo destas construções ao longo do tempo, levando em consideração seus diversos usos e funções, permite melhor

<sup>16</sup> Ver, entre outros, Benedict Anderson. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ed. Ática, 1989; Eric Hobsbawm. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; e Stuart Hall. *Op.cit.*

<sup>17</sup> Idem, pp. 12 e 13.

<sup>18</sup> Ver o rico mapeamento sobre as atuais discussões nas ciências sociais acerca do *status* da localidade como construtora de sentidos para a existência, no livro de Alain Boudin *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, especialmente Capítulo 1: “O objeto local”, pp. 25 a 57.

compreender como grupos sociais vivem seu dia-a-dia.

**4) Crônicas:** a crônica como gênero da escrita pode referir-se a qualquer história escrita por pessoas que testemunharam um fato e que recuperam os acontecimentos em sua ordem no tempo. A linguagem da crônica é sensível, direta e pessoal, podendo ser literária e enfatizar o que descreve com adjetivos ou expressões equivalentes. É possível conhecer sinais do passado local através de documentos como crônicas.

**5) História oral:** depoimentos e entrevistas. A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo dos tempos contemporâneos. A realização de entrevistas e depoimentos possibilita aos pesquisadores e estudantes conhecerem aspectos da história da localidade. A atividade também propicia dois importantes aprendizados: a) diferenciar fato de opinião, a partir da experiência de leitura, entrevista e discussão; b) reconhecer que é possível haver diferentes compreensões sobre o mesmo fenômeno ou processo histórico.

**6) Registros de vida:** registros paroquiais e censitários. Registros paroquiais permitem-nos refletir sobre os critérios de identificação e hierarquização dos grupos sociais, as relações parentais e de compadrio, o estado sanitário e a ordenação do espaço local nos séculos XVIII e XIX. Já os registros censitários nos permitem compreender a dinâmica das cidades no processo histórico, a partir da comparação dos dados estatísticos.

**7) Papéis do Estado:** documentação produzida pelos poderes públicos. Buscam-se, nas *Mensagens* e *Relatórios* dos prefeitos, vestígios dos projetos relativos às diversas políticas públicas. Os documentos sublinham a competência dos prefeitos para projetar novos arranjos e melhoramentos nas áreas de saúde, educação, iluminação pública, vias públicas, entre outros.

**8) Registros da vida associativa:** associações são agrupamentos de indivíduos que se unem para finalidades específicas e se mantêm juntos graças às diferentes práticas e rotinas que realizam. Ao longo de suas trajetórias de vida, indivíduos constituem identidades religiosas, corporativas, políticas, entre outras afinidades e interesses comuns, e organizam-se criando associações ou se incorporando às já existentes. As associações podem ter caráter efêmero ou permanente, podem ser locais ou ultrapassar os limites territoriais do bairro, do município, do estado ou do país. A criação, a manutenção e a realização das ações que caracterizam as organizações geram inúmeros documentos, tais como atas de reunião, boletins, fotografias, jornais, material publicitário, entre outros. Através desses vestígios é possível reconstituir os espaços de sociabilidade local.

**9) Registros de propriedade:** estão relacionados às diversas formas de geração de riqueza elaboradas pelos homens. Variam de acordo com a organização social da produção e do trabalho. Os registros assumem formas diferenciadas: inventários, testamentos, cartas de doação de sesmarias, registros de juntas comerciais, publicidade comercial, fotografias de estabelecimentos comerciais e industriais. Através desses vestígios podemos compreender tanto os aspectos materiais que envolvem as atividades como também seus aspectos simbólicos, políticos e sociais.

## Concluindo

A proposta aqui desenvolvida visa a:

**A)** Apresentar metodologias de sistematização e análise dos mais variados *materiais de memória*, aqui entendidos como vestígios documentais do passado. Espera-se que, a partir da realização do método proposto, professores, pesquisadores e estudantes dos vários níveis de ensino possam criar suas próprias narrativas históricas.

**B)** Refletir sobre a constituição e reelaboração, por meio do conhecimento histórico, das

identidades e pertencimentos locais. Com isso, pretende-se reavaliar e deslocar estigmas sociais acerca do município, das suas localidades e de suas gentes.

**C)** Valorizar o patrimônio material e imaterial do município.

**D)** Propiciar a integração da escola com a comunidade circundante, através da mobilização dos alunos junto às famílias, às instituições e aos cidadãos em geral para a realização das atividades.

**E)** Contribuir para o conhecimento da História do Município.

### **Pequena bibliografia:**

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BORNE, Dominique. "Comunidade de memória e rigor crítico". In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998, p. 133 a 141.

BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Lisboa: Quarteto, 2001.

CHARTIER, Roger. "A História hoje: dúvidas, desafios, propostas". In: *Estudos Históricos*, vol. 7, nº 13. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994

FIGUEIREDO, Haydée; GONÇALVES, Márcia de Almeida; REZNIK, Luís. "Entre moscas e monstros: construindo escalas, refletindo sobre história local". In: *Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História/ Departamento de Ciências Sociais*. IJUÍ: Ed.Unijuí, 2000.

GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História. Como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GELLNER, Ernest. *Nations and nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983, p. 6

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história". In: Peter Burke (Org). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

MATTOS, Selma Rinaldi de. *O Brasil em lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: Access, 2000.

NORA, P. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Projeto História*. São Paulo, PUC-SP, n. 10, 1993.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, (10):200-212, 1992.

REVEL, Jacques (Orgs.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988.

REZNIK, Luís; GONÇALVES, Márcia de Almeida. "História e fotografia: uma pedagogia do olhar". In *Revista Interagir: pensando a extensão*, UERJ, Rio de Janeiro. 1º semestre de 2003.

REZNIK, Luís. "Qual o lugar da História Local?", *Anais do V Taller Internacional de Historia Regional y Local*, Havana, Cuba.

VELHO, Gilberto. "Memória, identidade e projeto, uma visão antropológica". In *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 95:119-126, out.-dez., 1988.